

editOOOra

AVESSO

Anderson Morais

REALIZAÇÃO:

OOO
reticências

ATELIER
156

APOIO CULTURAL:

Este projeto é apoiado pela
Secretaria da Cultura do
Estado do Ceará
Lei nº 18.012 de 1º de abril de 2022

 **CEARÁ**
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

REALIZAÇÃO:

OOO
reticências

ATELIER
156

APOIO CULTURAL:

Este projeto é apoiado pela
Secretaria da Cultura do
Estado do Ceará
Lei nº 18.012 de 1º de abril de 2022

 **CEARÁ**
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

A V E S S O
Anderson Morais

023VA

Anderson Morris

editoora

AVES50
Anderson Morais

Ana Cecília Soares e
júnior Pimenta (Orgs.)

Fortaleza
Editora Reticências
2023



SUMÁRIO

- 8 AVESSE DO AVESSE | POR ANDERSON MORAIS
- 15 Ao gozo da liberdade de ser o que se quer. | POR ANA CECÍLIA SOARES E JÚNIOR PIMENTA
- 20 AO FOGO EM QUE TI VI | POR JACQUELINE MEDEIROS
- 23 COM QUANTAS PALAVRAS SE FAZ UM CORPO? | POR EDUARDO BRUNO E WALDÍRIO CASTRO
- 34 ... COMO PÁSSAROS | POR CECÍLIA BEDÊ
- 49 FALO DE MUITOS CAMINHOS | POR FILIPE CHAGAS
- 59 SE EU GRITASSE DESENCADEARIA A EXISTÊNCIA | POR CAROLINA SOARES
- 67 SE QUISER PODE OLHAR / a cabine do voyeur | POR GUGA CARVALHO
- 72 PESSOA ARTISTA | POR ED FERRERA



A V E S S O

00

A V E S S O

POR ANDERSON MORAIS

Esta publicação é resultado das conversas e das partilhas que tive com Júnior Pimenta e Ana Cecília Soares, a partir dos encontros do Projeto de Criação Avesso, contemplado no XII Edital Ceará de Incentivo às Artes - Artes Visuais | Gestão de Processos Criativos – 2022, da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT/CE). Ao longo de doze meses, pude desenvolver uma série de bordados em guardanapos de pano, de quais os desenhos se encontram alinhavados com questões do meu universo íntimo. Nesta etapa tive, também, como mediadora, Jacqueline Medeiros, responsável pela curadoria da minha exposição, apresentada de junho a julho de 2023, na Casa Pano de Roda.

Sendo assim, para além de um registro sobre o processo de criação de Avesso, a ideia do livro é a de oferecer ao leitor um percurso poético sobre a minha trajetória artística até o momento atual, por meio de imagens de trabalhos anteriores e de textos de artistas e de curadores que, de algum modo me atravessaram, contribuindo com a minha caminhada enquanto artista.

Obrigado a todos e todas que colaboraram e colaboram com a minha jornada artística. Viva a arte! Viva os encontros que as artes nos possibilitam!

liberdade

mesa

Casa

existir

Two rectangular panels of red fabric are displayed vertically. The top panel features the word "afetividade" embroidered in white, lowercase letters. The bottom panel features the word "cama" embroidered in white, lowercase letters. Both panels have a visible hem at the bottom edge.

afetividade

cama

Série: Avesso

Ano: 2023

Técnica: Bordado sobre guardanapo de pano.



Série: Averso
Ano: 2023
Técnica: Bordado sobre guardanapo de pano.



Série: Averso
Ano: 2023
Técnica: Bordado sobre guardanapo de pano.



Série: Avesso
Ano: 2023
Técnica: Bordado sobre guardanapo de pano.



Série: Avesso
Ano: 2023
Técnica: Bordado sobre guardanapo de pano.

Ao gozo da

liberdade de

ser o que se

quer...

POR ANA CECÍLIA SOARES E JÚNIOR PIMENTA

Um emaranhado de linhas desenvoltas forma erupções gráficas a flutuar na imensidão vermelha de tecidos, levemente, agitados e suspensos na parede do espaço expositivo, a lhe servir de abrigo. No tête-à-tête da situação proporcionada pelo ardil do encontro obra-espectador, o que parecia ser meras manchas insinuantes, sem dúvidas, transformam-se em algo maior: explodem olhares em corpos intrincados como em uma dança, ou estariam eles em combate como em uma luta? Não, na verdade, ao que parece, desmancham-se em sexo.

No limiar entre o bordado e o desenho, na singularidade de pontos firmes e ansiosos, o artista Anderson Moraes tece corporeidades desejantes ao prazer. Homens em ardência devorando-se em uma espécie de antropofagia de sentidos e afetos. Não se trata apenas do prazer pelo prazer, embora isso não seja uma questão descartável. Contudo, na exposição Averso, o ato sexual ali delineado se converte em micropolítica de corpos divergentes a um sistema social marcado pelo patriarcalismo e pela heteronormatividade. Assim, entre bordados-desenhos, frases e citações escritas, o artista conduz seu trabalho por meio da capacidade de interferir em hábitos cotidianos ou naquilo que é imposto como “normal” na maneira como devemos agir, pensar e sentir. Em outras palavras, nos modelos de existências exigidos socialmente.


O erotismo é o emblema, a força e o grito, ecoado pelo gozo feroz, da batalha para manter a integridade do que se é e do que se quer. A poética de Moraes fissa o imaginário padronizado sobre o modo cis como deve ser as relações e a maneira como foi construída e enquadrada os nossos desejos. “Liberdade” e “amor livre” são algumas das frases bordadas por ele, supostamente, não estão presentes à toa. Elas soam como desabafo de um homem cansado de represálias e da falta de empatia de uma sociedade intolerante aos relacionamentos homoafetivos. “O afeto é revolucionário”, acredita o artista, e por isso o consente com caminho possível para sua arte e, principalmente, para continuar existindo.

Ana Cecília Soares é curadora, jornalista, pesquisadora e editora da Revista Reticências. Mestre em Artes pelo PPGARTES/ ICA da Universidade Federal do Ceará. Doutora em Artes Plásticas, Visuais e Interartes pelo PPGARTES/ EBA da Universidade Federal de Minas Gerais.

Júnior Pimenta é artista visual, vive e trabalha entre Fortaleza, Mestre em artes, pelo PPGArtes da Universidade Federal do Ceará, e editor da Revista Reticências.

O afeto é
revolucionário

Amor livre



APROXIMEI MEUS LABÍOS
BEM PERTO..... OUVI MAÍSAINDA
SUA RESPIRAÇÃO.

DEITAMOS LADOALADO
E FICAMOS EM SILÊNCIO

Série: Cine Aventura
Técnica: Bordado, pintura sobre tecido
Desenvolvido durante a residência de criação Monsenhor Chaves / mercado velho Teresina
Ano: 2019
Foto: Nayra Maria

AO FOGO EM

QUE TI VI

POR JACQUELINE MEDEIROS

Tanto o bordado quanto a costura são práticas que, em nossa cultura, estiveram restritas, durante séculos, ao ambiente familiar, à casa, às mulheres e às crianças. Os bordados de Anderson, na exposição Avesso, apresentam essa tradição íntima da casa. São casais que não estão em paisagens urbanas ou campestres, mas bordados em espaços vermelhos de lenços, e vistos do alto. Em outras palavras dão mais pistas do ambiente seguro e de afeto do lar.

A série aqui apresentada foi inspirada na tradição portuguesa dos “Lenços dos Namorados”, com textos e desenhos. Era hábito das moças apaixonadas, em busca de concretizar o namoro, bordarem seu lenço e entregá-lo ao amado. Caso o pretendente aceitasse o namoro, usava

o lenço publicamente. Há textos que supõem sua origem nos séculos XVII – XVIII.

No campo das artes visuais, o início do século XX é marcado com a escola Bauhaus, que traz consigo uma vontade de unir a arte e o artesanato em torno da criação de objetos que aliassem beleza à funcionalidade. No Brasil, os povos indígenas trançam seus grafismos, o que não deixa de ser um bordado, e os povos afrodescendentes bordam suas indumentárias dos cultos dos candomblés.

Diante de tanta ancestralidade, Anderson convive em um ambiente envolvido em linhas, tecidos e costuras. A avó ensina os primeiros pontos e seu companheiro, que trabalhava com o

universo do bordado na cidade de Taperuaba, local com muitas fábricas, estimulá-la a levar alguns pontos para seu trabalho que, até então, eram desenhos. No entanto, o bordado livre o capturou visitando imagens das obras de arte do artista cearense Leonilson, de Artur Bispo do Rosário e uma exposição com trabalhos de Rodrigo Morgiz, no Centro Cultural Banco do Nordeste Fortaleza.

Anderson, ao longo de sua atividade artística, trata de questões do universo íntimo com um discurso amoroso. Na série Avesso (ou o que não se quer mostrar), declara seu amor sobre lenços, com cenas que se libertam no ambiente da casa, no aconchego, na mesa, na cama. Com palavras de forma direta e ao mesmo tempo subjetiva, alinhava afetividade, com desejos de extrapolar os limites íntimos da casa.

Jacqueline Medeiros vive em Fortaleza é pesquisadora, curadora e graduada em artes visuais pela Faculdade Grande Fortaleza, mestre e doutora em história e crítica de arte pela UERJ. Possui Selo editorial Pano de Roda desde 2016. Co-organiza 68 Salão Sequestrado. Divide a direção do espaço autônomo Pano de Roda: território e movimento.





...stou a mão pelo
...u rosto e com
...legar aliou meus
...stros

...gostava de garotos



Foto: Nayra Maria

COM QUANTAS

PALAVRAS SE

FAZ UM

CORPO?

POR EDUARDO BRUNO E WALDIRIO CASTRO

Em um campo filosófico da imagem, Didi-Huberman, em seu livro: “Sobrevivência dos Vaga-lumes”, nos apresenta dois conceitos: imagem holofote e imagem vaga-lume. Nessas poucas linhas que compõe esse texto sobre a curadoria que realizamos da exposição “Com quantas palavras se faz um corpo?”, de Anderson Morais, não teríamos como resenhar esses dois conceitos por completo. Contudo, os trazemos para indicar os caminhos que seguimos para pensar o local da penumbra e o semiescuro que apostamos em construir, como forma de não trazer para a total luz iluminista ao campo dinâmico do desejo.

Nossas vivências no mundo são da ordem do movimento, caminhamos enquanto dançamos por entre as verdades estáveis construídas por uma sociedade calcada em uma percepção de corpo-mundo colonial. Sobre as luzes das imagens holofotes os discursos se encarnam nos corpos esgotando os gestos e os movimentos possíveis da vida. Uma biopolítica que faz desaparecer os espaços de penumbra. Com tanta luz, o sumiço dos vaga-lumes parece inevitável, aniquilados pela falta de noite, pela falta de escuridão. Foi/é na luz-holofote, iluminista e cristã que nos é apontado o caminho do desejo. O desejo possível.

Essa rápida divagação a partir das escritas de Didi-Huberman, nos dá um certo espaço importante, e inicial, para o rizoma que juntos, curadores e artista, propomos criar para a exposição

“Com quantas palavras se faz um corpo?”. Em seus desenhos Anderson compartilha, por meio de linhas, pontos e formas, seus desejos, olhares, afetos e provocações, principalmente homoafetivo e homoerótico. O mesmo ocorre com a utilização do bordado que, por meio de pontos e linhas, mediadas por agulha e tecido, o artista cria diversas silhuetas do que, comumente, seria identificado enquanto corpos masculinos. Uma outra camada, também, inserida por meio do bordado são as palavras, que compartilham, de forma mais direta, aforismas produzidos, desde referências literárias a textos encontrados em cinemas pornô. Já na pintura, podemos identificar o exercício de criar imagens com cores contrastantes em uma poética homoerótica que propõem profanações com cânones religiosos. Por ser uma bixa-artista-professor que mora em Sobral - CE, uma cidade historicamente conservadora, boa parte da produção mais “explícita” de Anderson ficava restrita ao seu ateliê. Infelizmente, não é incomum que artistas com uma produção desviante, relacionada às questões de gênero, sexualidade e corporalidade passem por um processo de autocensura, seja por medo de uma possível retaliação, seja pela dificuldade de as instituições culturais acolherem os trabalhos. Foi assim, que talvez, por uma tentativa de andar em legião que o artista nos convidou para formularmos exercícios de fuga do mundo cis-hetero-masculino e circular com sua produção nos espaços institucionais. Sendo assim, foi com a aprovação no edital TAC

– 2022/2023 (Temporada de Arte Cearense) que, por meio de um desvio, surge a oportunidade de apresentarmos um outro recorte da produção poética de Anderson no Museu de Arte Contemporânea do Ceará.

Não nos detendo, apenas, o que anteriormente estava escrito no projeto contemplado, começamos a projetar a exposição “Com quantas palavras se faz um corpo?”. Um processo curatorial mediado por uma relação horizontal entre artista e curadores, em um constante diálogo entre a produção poética e as provocações conceituais, expográficas e de produção da exposição. Em nossa visita ao “ateliê 156”, espaço onde Anderson vem produzindo seus trabalhos e, também, criando diversas atividades, oficinas, palestras, com diversos artistas de sua cidade, nos deparamos com uma enorme produção. Como já foi dito, Anderson tem permeado por diversas técnicas e, neste sentido, o diálogo entre as visualidades geradas por elas, foi um primeiro caminho para que pudéssemos conversar a respeito de sua produção.

Mais do que simplesmente escolher as obras e selecionar quais delas ficarão penduradas na parede, acreditamos em uma curadoria também enquanto espaço de criação junto ao artista. Por ter uma produção vasta, fomos encontrando quais visualidades dialogavam umas com as outras, e provocando Anderson a refletir acerca de questões como: Quais corpos/silhuetas masculinas estão sendo reproduzidas?

Como questionar as relações entre o desejo e os padrões corporais impostos socialmente? Como introduzir, em sua produção, uma discussão acerca dos tensionamentos entre o desejo e as questões de raça? Como ampliar a leitura visual dos corpos apresentados para além de um corpo cisgênero?

Tais questionamentos são construídos por meio de uma relação crítica a partir de conceitos importantes como gênero, sexualidade e corporalidade trazidas sobretudo em um referencial teórico dos estudos queer, cuir, kuir, transviados etc. Uma série de autores, artistas e coletivos que vem se debruçando em problematizar e criar alternativas fugidias a lógica da normatividade hegemônica cis-hetero-masculina.

Materializar uma produção poética no recorte da homoafetividade/homoerotismo pode ser uma oportunidade de ampliar e estabelecer, de forma crítica, diálogos acerca do modo que construímos o desejo. Portanto, tensionar a produção imagética do artista, no que diz respeito às suas representações masculinas, é também tensionar os imaginários edificados por meio de uma estrutura machista e homofóbica que, pode ser reproduzida de forma consciente ou inconsciente, também pela comunidade LGBTQIAPN+.

Parte da produção de Anderson foi construída a partir de visitas a cinemas pornô de diversas cidades do Brasil. Espaços estes que são conheci-



Aveso do Aveso

Técnica: bordado sobre guardanapo de pano

Desenvolvido durante (PRIS)- Residências Intercâmbios Porto Dragão

Ano: 2022

Foto: Nayra Maria



Foto: Nayra Maria

dos por suas possibilidades de expressão de desejo, sexualidade e afetividade, principalmente por corpos excluídos pela hegemonia sexopolítica. Certamente que tais espaços não são totalmente independentes das questões hegemônicas construídas fora deles. Contudo, tomá-lo como um tensionamento, pareceu ser uma potente aposta para a curadoria e expografia da exposição. Sendo assim, os desenhos mais erótico-pornográficos do artista foram escaneados e transpostos para uma TV de tubo, construindo uma espécie de um vídeo pornográfico, como os que passam em cinemões. Tal TV, foi colocada em uma cabine preta, sendo necessário um acesso por uma entrada em tecido que fazia o visitante que estivesse dentro, não ser visto por quem estava fora. Em nossos contatos pessoais, diversas foram as mensagens que recebemos de casos de atos sexuais realizados no interior da cabine. O gozo dentro do espaço higiênico do Museu, atropelou os possíveis para os corpos e narrativas historicamente impostas a este local.

Ainda, no espaço expositivo, construído em sua maioria por pouca luz, outra ilha da exposição, que eram no total de três, parece ser pertinente destacar. Essa outra ilha era composta pela presença de bordados homoeróticos em tecido vermelho sobre uma parede vermelha. Para vê-los, era necessário aproximar-se, exigindo, com isso, afirmar a curiosidade. Ainda nessa mesma ilha, uma mesa servia um banquete de pratos vazios pintados com partes de corpos masculi-

nos nus. Um banquete do desejo que caminhava por diversas partes do possível erótico do corpo, juntamente a um caminho de mesa bordado com frases diversas sobre afeto e sexualidade. Na terceira ilha, havia duas pinturas: uma da figura religiosa/erótica de São Sebastião e outra figura com rosto mascarado pousando de pernas abertas e de forma relaxada, mas tendo sua genitália escondida por uma espada de São Jorge.

Com tudo isso posto, podemos retomar o nome da exposição para fazermos uma dobra sobre ela mesma. Neste exercício, poderíamos recriar de diversas formas o título da exposição e por consequência desse texto, trazendo perguntas como: é possível construir um corpo só com palavras? Considerando a semântica da palavra, unidade linguística dotada de sentido, podemos esgaçar seu conceito e pensar nas potências do não dito? Se com a palavras historicamente se nomeou o corpo, como desnorteá-las?

Sendo assim, afinal: com quantas palavras, movimentos, sons, narrativas, imagens e penumbras se faz um corpo?

Eduardo Bruno é pesquisador-curador-artista. Doutorando em artes UFPA, bolsa FAPESPA, com pesquisa acerca da performance urbana no Norte-Nordeste e a curadoria como gesto histórico.

Waldírio Castro é pesquisador-curador-artista. Doutorando em artes UFPA, bolsa CAPES, com pesquisa acerca da curadoria e os estudos queer – (cuir)adoria.





Foto: Nayra Maria

ser livre



você também não
gosta de uma
aventura?





Rapaz com pássaros
Técnica: acrílica sobre tela
Ano: 2022
Foto: Nayra Maria

... como

pássaros

POR CECÍLIA BEDÊ

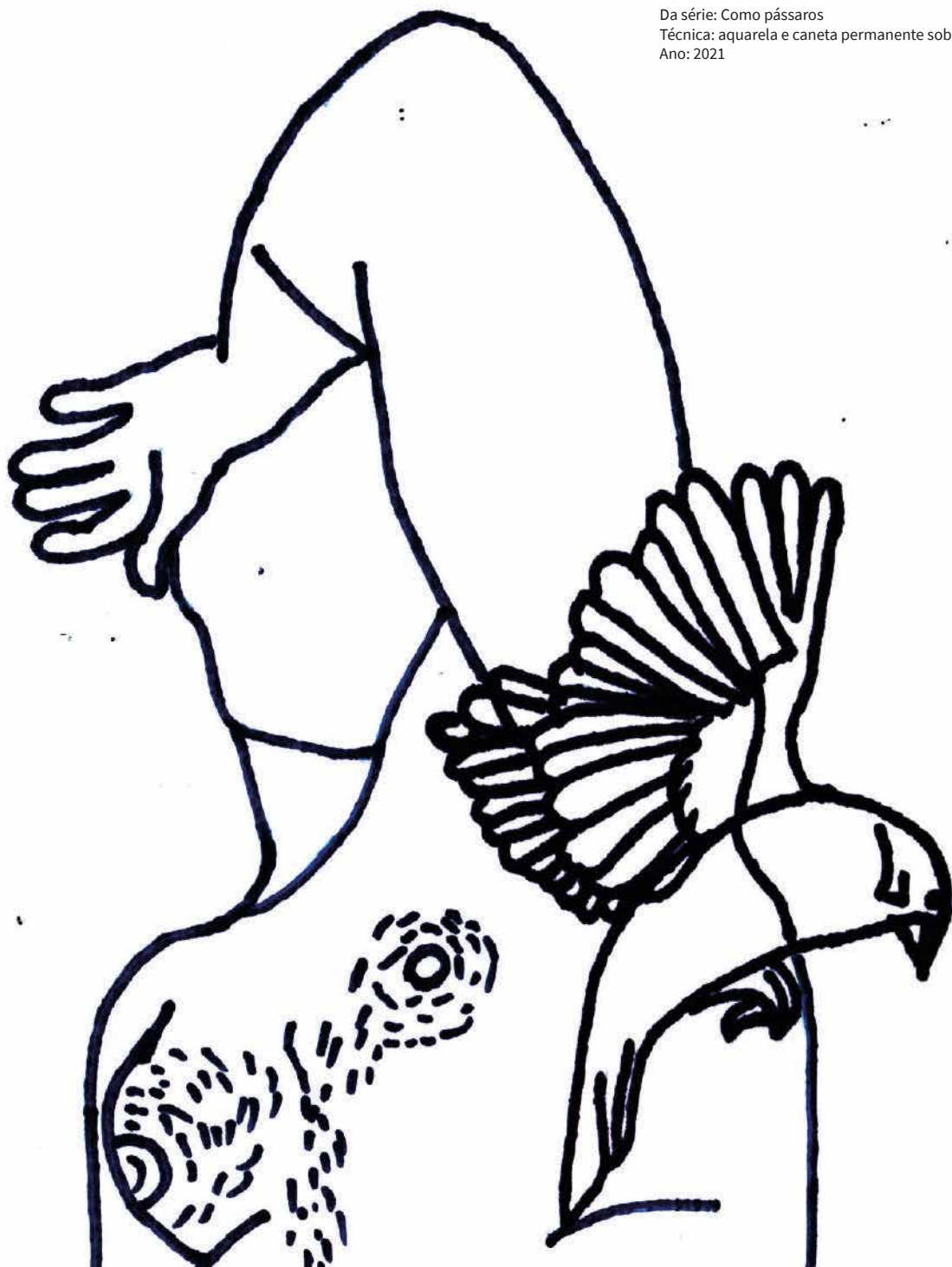
Um rosto encoberto pelo braço, ao redor da cabeça uma luz amarela e em torno do tronco nu, pássaros. A etiqueta indica: é “Um rapaz com pássaros”. Assim, inicia-se um dos percursos possíveis por uma das salas expositivas do Museu de Arte Contemporânea do Ceará do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, ocupada pela exposição “Com quantas palavras se faz um corpo?” do artista Anderson Morais.

Sustentada pelos diversos formatos de instalações e suportes, onde o trabalho de Anderson se apresenta, a questão que dá nome à exposição composta por desenho, pintura, vídeo e bordado, joga com a ideia de pergunta e resposta. O caminhar pelo espaço se torna busca, caça palavras por entre os corpos que vemos em telas, tecidos, pratos. Os corpos e suas partes, compõem um espectro afetivo - suspirante, em encontros com outros corpos, em homoafetividade, dando às cenas a naturalidade de seus acontecimentos.

As palavras pensadas são muitas, tantas: fome, amor, tesão, corpo, sede, silêncio, arrepio. “Desiderium” - é a palavra em latim bordada em um caminho de mesa vermelha, que significa algo entre desejo e saudade e que materializa a ideia de realização de algo ausente. Onde tudo acontece. As imagens agenciam liberdade e nos permitem olhar, se quisermos. Se quisermos e porque é desejante que assim seja, que os corpos ilustrados e os corpos visitantes diante das obras de Anderson sejam livres, não só “com”, mas, principalmente, “como” os pássaros.

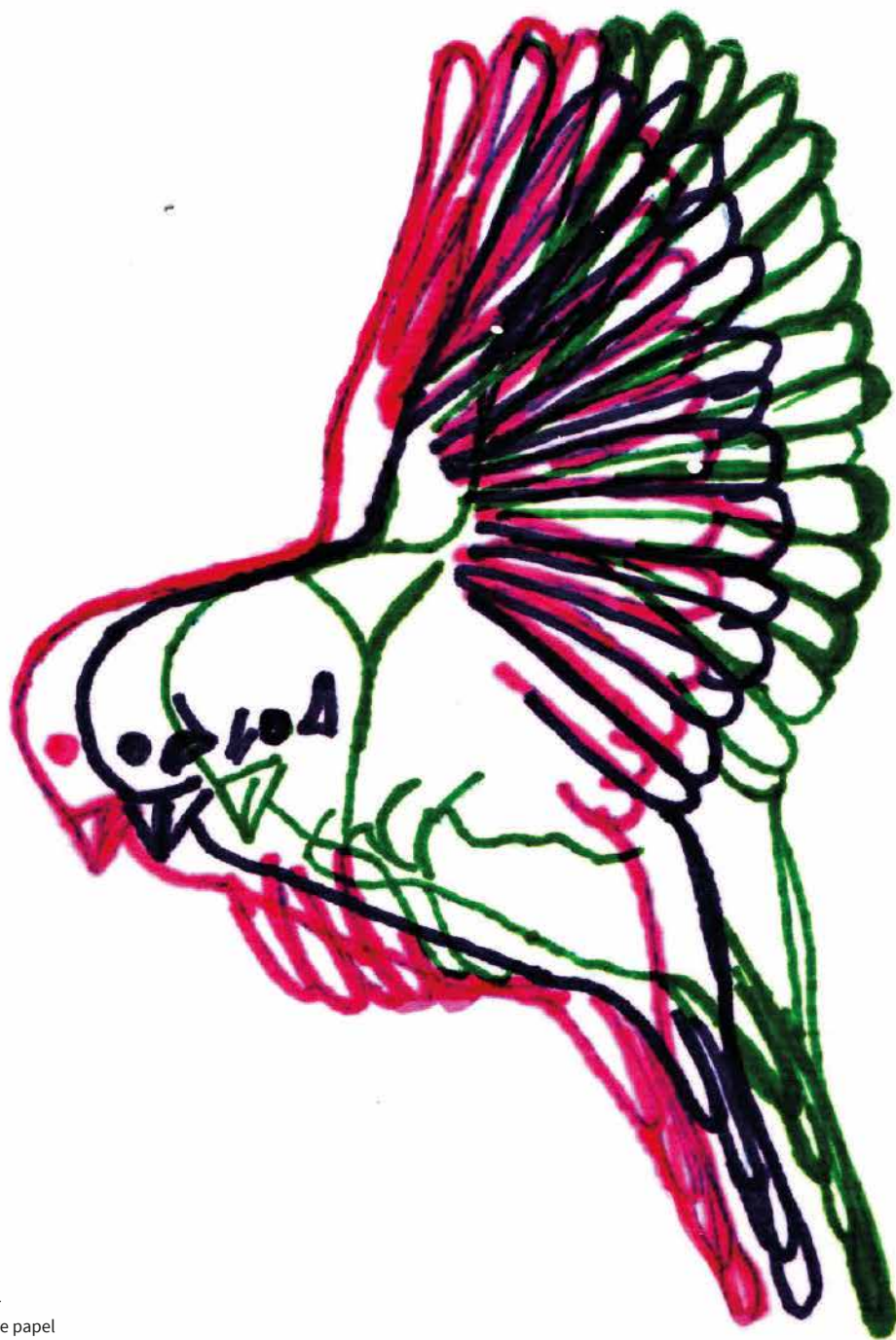
Cecília Bedê é curadora, e pesquisadora das Artes Visuais e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo. É graduada em Artes Visuais pela Faculdade Integrada Grande Fortaleza e tem experiências profissionais nas áreas de arte e educação, gerenciamento de acervos, produção, curadoria de exposições e no campo editorial das artes visuais. Atualmente, é gestora do Museu de Arte Contemporânea do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

Da série: Como pássaros
Técnica: aquarela e caneta permanente sobre papel
Ano: 2021

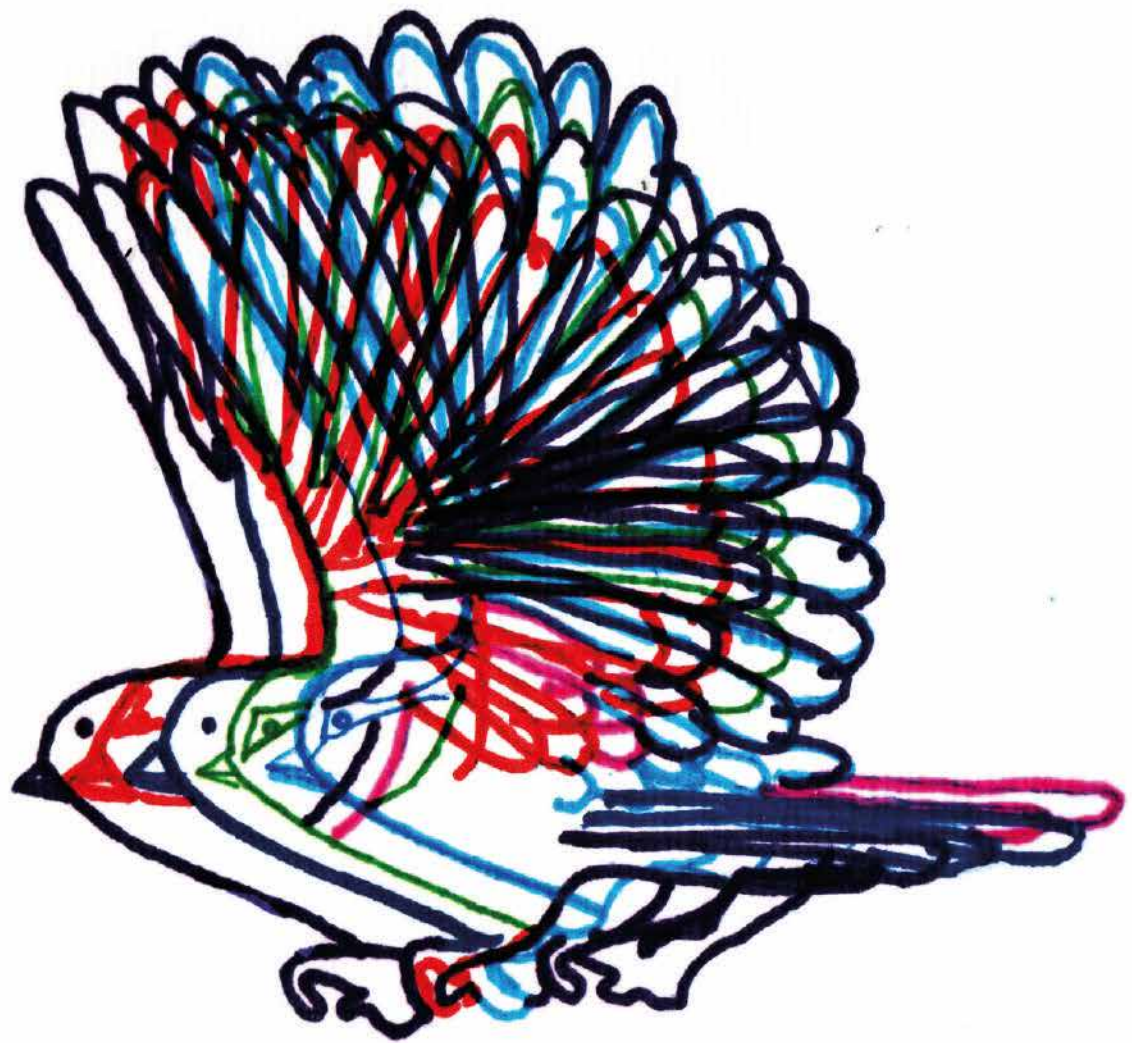


Da série: Como pássaros
Técnica: aquarela e caneta permanente sobre papel
Ano: 2021





Da série: Livre pra voar
Técnica: aquarela sobre papel
Ano: 2021



Da série: Livre pra voar
Técnica: aquarela sobre papel
Ano: 2021



Foto: Maria Haydée









Les Femmes d'Alger (O. J.)



Les Femmes d'Alger (O. J.)



Homem com espada de São Jorge
Técnica: acrílica sobre tela
Ano: 2021
Foto: Nayra Maria



Fragmento instalação Desiderium
Técnica: prato com pintura em esmalte vitral
Ano: 2023
Foto: Nayra Maria

Fragmento instalação Desiderium
Técnica: prato com pintura em esmalte vitral
Ano: 2023
Foto: Nayra Maria



BROOKLYN
1986

Foto: Nayra Maria



FALO DE

MUITOS

CAMINHOS

POR FILIPE CHAGAS

A linha parece ser o caminho expressivo de Anderson Morais. Através dela, o artista transita entre diversas linguagens artísticas – seja desenho, pintura, bordado ou mesmo instalação – para criar uma poética própria que fala de corpo, desejo, sexualidade e afeto, sempre buscando a naturalidade com que esses temas deveriam ser tratados. Em inúmeras mídias não-tradicionais, como guardanapos, páginas de livro, pratos e lambes, aplica seu traçado que simplifica as formas e transmite diretamente a mensagem, enquanto seu jogo cromático cria espaços e capta o espectador. Até mesmo a palavra se torna linha para perguntar, “Com quantas palavras se faz um corpo?”.

O artista revela que seu processo criativo passou por várias fases e técnicas enquanto crescia.

Chegou a trabalhar paisagem e abstracionismo, até que, em 2010, representou um beijo gay e passou a conhecer outros artistas que estavam desenvolvendo as mesmas questões. Os relacionamentos amorosos se tornaram uma direção imagética, fosse a partir de suas próprias histórias ou daquelas vindas das redes sociais. Claro que já sofreu com a onda conservadora que tem assolado o país (e o mundo!) – em 2018, foi alvo de uma tentativa de agressão em uma vernissage por causa de uma série de desenhos sobre o afeto entre dois homens.

Também em 2018, eu lancei a revista Falo Magazine, a primeira e única publicação científica online e gratuita sobre Arte e Nudez Masculina. No ano seguinte, Anderson entrou em contato através das redes, mas somente em 2021, ele

gallo

APESAR DE SEUS P...
fiante seus amigos...
estava pronta, uma "C...
sobre canções de ninar esp...
ero gitalo iminente. Além...
jeia de publicar um álbum...
Dalí e de Gasch.³

Mas o que nesse momen...
po e a energia de Lorca e...
Vida e alma do grupo de...
tentando fazer decolar o...
Madri, permaneceu na cid...
para acompanhar os últimos deta...
a gallo, manter-se mais ou meno...
necessário, é certo, mas deixando...
motos, a execução das tarefas. Fo...
va mostrou-se indispensável en...

Ao fim de fevereiro, o primei...
de março, véspera da publicaçã...
tar para comemorar a façanha...
arsaram sobre os objetivos d...
gallo significava o cor...

...rio dessa musa...
...ntou os presentes.
...stantemente, até encontrar...
...o de ligar-se à herança que, na...
...s tribos perambulavam no Egito.²
...a Sevilha terminou oficialmente com...
...mo de oliveira de verdade, cortado...
...naso Alonso, a autoridade máxima...
...dores do poeta cordovês e da "objeti...
...o ato culminante num ano...
...sse pont... diante o culto da "poesia...
...in perder... ou império sobre Lorca...
... e a batalha contra o sentimen-



XXXII

Da série: Com quantas palavras se faz um corpo
Técnica: caneta permanente sobre pagina de livro
Ano: 2021

[SUMÁRIO] Geologia da barra do Pacoti. — Novas provas de levantamento da costa. — Os lajeiros.—
Vingança de um rio. — Horas de refeitório. — Meccjana.

Geologia da barra do Pacoti.

O parão via do ... do rio na convexidade da serpentina uma
... disseminada na areia; que atravessar, porém
... na necessidade de tomar o uniforme de
... e o material ... É o meio mais simples
... de passar ...

A ... unha-se na ... da água de ... com barro amarelo.
... a camada ... lodo preto ... de folha de ...
... idas pelo ... ; ... formação de água
... pela mistura de argila e aglomerações ve-
... solta formando montículos com pedregos de

O leito da duna, em que se encosta o rio, compõe-se, ao nível do mar, de
areia grossa com pedrinhas roladas e cascas de mariscos.
Ao longo da ... e até a altura onde o mar não chega hoje, a ... é
coberta de um ... de dois a quatro palmos de espessura, ... sobre
essas areias.

Em alguns pontos o leito arenoso foi ...
zonal sobreposta, não tendo consistência suficiente para suportar seu pró-
prio peso, caiu, ora em pedaços pequenos, ora em grandes blocos que lhe dão
o aspecto de estratificação inclinada, porém umas vezes da parte da terra,
outras para o lado do mar.

Dorado dessa propriedade
terra, de quando em quando
familiares do palácio presiden-
escrivação de órfãos. Nas horas
gante acha com que fazer calan-
tura com todos esses afazeres
ganão enquanto não apparecem

A figura do Sr. Carrageo ...
charapim, o Barroso do Caru,
Média, do senhor feudal no l-
gênero inteiramente diverso,
ditam os apóstolos de mestre l-
o recido muscular não mostra
porém dá jeitos de agilidade v-
olho pequeno, os ovados e so-
em giro lento
cando adivin-
Com esse
pequena parte
expressamente

O rosto de purgado tem seu
sempre de lado, sobrepõe um
costas da cadeira, curva algum
mão elegantemente dobrada,
os períodos dos seus pensam-
apoiando a nuca com ambas a

Há pessoas que têm o man-
toiro Carrageo, arc dia a sua com-
são prova de valentia. Sobre esse
alguma fitos com os quais de
latices e ingleses, que servem
valencia, tornam-se um momento
guerra da Itália ao novo Car-

submeteu seu portfólio para que eu ficasse conhecendo sua produção artística, que possui o corpo masculino como objeto central sem receios de mostrar o pênis ou o sexo. Coincidentemente, eu estava com uma nova coluna na revista, onde artistas e curadores falavam sobre o trabalho de outros artistas, e resolvi cruzar o caminho deste nordestino de Sobral, no Ceará, com o de Rafael Dambros, artista de Caxias do Sul que também utiliza a linha como ferramenta expressiva para uma temática do corpo, especialmente, o corpo LGBTQIA+.

Todo esse contexto me levou a convidá-lo para participar da exposição “Além da Parada”, em 2022, uma mostra que aconteceu junto ao retorno presencial da maior Parada LGBTQIA+ em São Paulo, após o isolamento pandêmico. Em um ano eleitoral de uma acirrada disputa de poderes polarizados, onde a sobrevivência de muitos estava em cheque, a exposição desejava não só quebrar paradigmas, mas também dar visibilidade aos artistas que estão enfrentando censura e discursos de ódio há mais tempo do que

se imagina. O trabalho plasticamente instigante e essencialmente inteligível de Anderson se afinou com a proposta curatorial que criei. Como não podia ser diferente, o convidei novamente em 2023 para a sequência da exposição, “Muito Além da Parada”. Seus encontros em narrativas gráficas eram a linguagem certa para um novo porvir de livres interpretações.

Não acho que sejamos capazes de enquadrá-lo em um estilo artístico. Naïf, expressionista, pop... Categorias que acabam limitando um artista de formação múltipla, que vai de História e Artes Visuais à Música e Gestão Cultural. Com várias exposições e premiações em sua trajetória artística, Anderson se mantém atento às discussões relevantes que conseguem ampliar suas inspirações e o coloca na frente da luta contra a ignorância e o fundamentalismo.

Filipe Chagas é designer, curador e professor de arte, além de ser o criador e editor da Revista Falo (www.falomagazine.com).



5. UM VIGÁRIO EM DEFESA DOS ÍNDIOS

o final do capítulo VI Capanga e referência

ao velho vigário de Arnonches, antigamente nos ar-

redores de Fortuna, em cuja capela os "sacrificios" ouvi-

ram o padre falar sobre as injustiças sofridas pelos índios

do lugar.

Trata-se do padre José Ferreira Lima Sucupira que, na

época, beirava os 80 anos. Pe. Sucupira assumiu a defesa

dos indígenas, ameaçados de expulsão de suas terras, des-

de a extinção oficial das três vilas de índios situadas em

torno da capital: Arnonches (Parangaba), Soure (Caucaia)

e Mecejana.

Chamado a interferir no assunto, o Ministério do

Império, em 15 de abril de 1861, ordena ao presidente

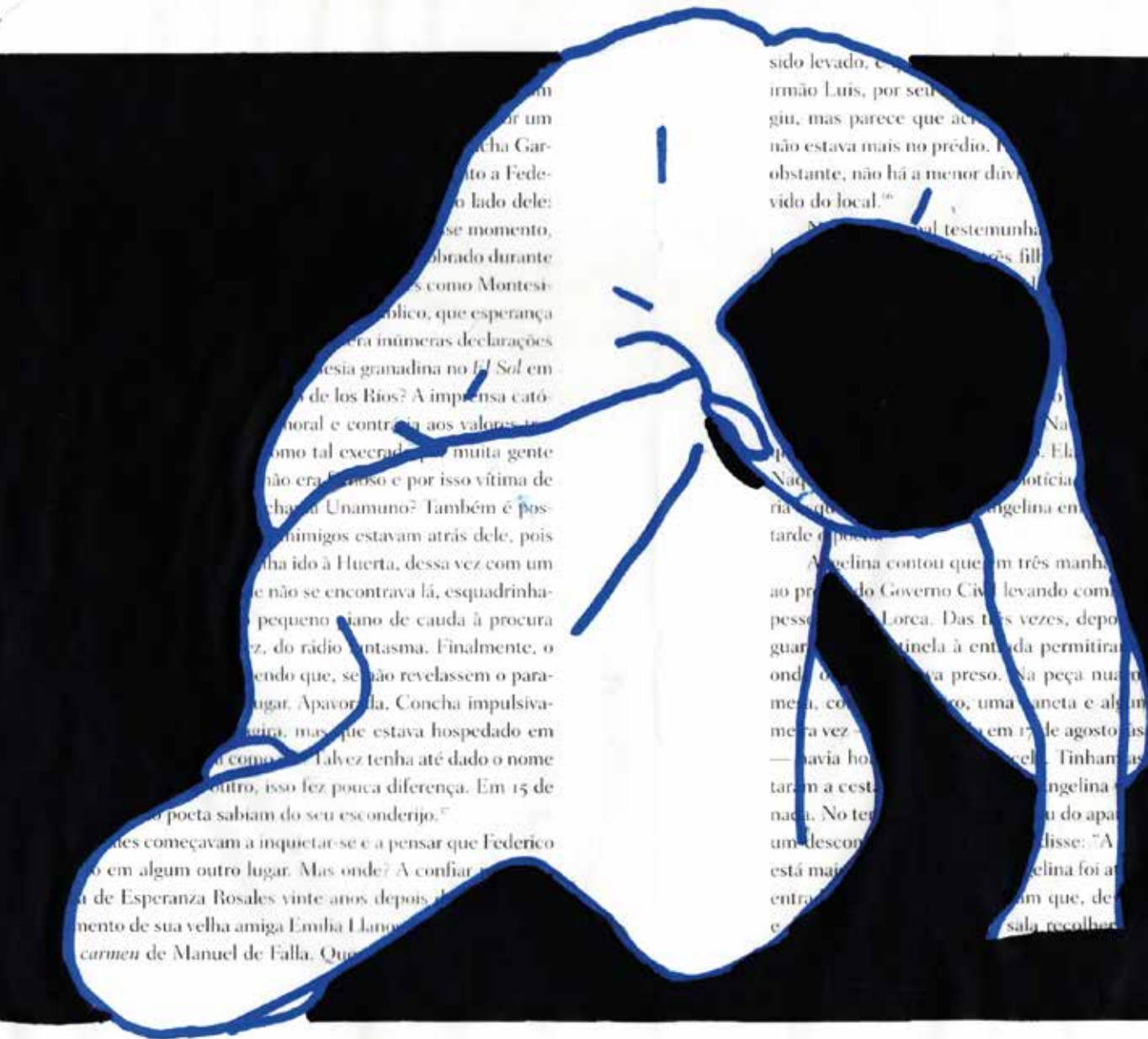
da província que Sucupira "se abstenha de excitar os ín-



Da série: Com quantas palavras se faz um corpo
Técnica: caneta permanente sobre pagina de livro
Ano: 2021

se cristalizar algumas décadas... tarde, ocupando um
lugar proeminente no debate científico e político em
museus (Monteiro, 1996; Schwarcz, 1993). E importantes
lembrar que a polémica em torno da questão indígena não
era meramente retórica ou ideológica. Ela tinha impli-
cações concretas no tratamento recebido pelos índios, por
parte da sociedade nacional. Desde o tempo de José Bo-
nifácio, o discurso oficial e a legislação indigenista reco-
mendavam o uso de meios brandos no enfrentamento dos
conflitos, mas havia setores que defendiam o uso da força,
sobretudo quando se tratava de lidar com os chamados
"índios braves" (Cunha, 1992, p. 6-7).

O historiador fez-se porta-voz dessa última corrente
apoiado nas ideias de Corneille de Pauw e Friedrik Cuvier,
ser, que preconizavam a degenerescência dos nativos do
Novo Mundo e sua extinção num curto espaço de tempo.
Martius compartilhava essa ideia, expressa no livro *O*
Estado de direito entrado no Brasil (1867), e jul-
gava a organização social indígena incompatível com a
civilização europeia. Para Martius, esses grupos estavam fada-
dos ao desaparecimento. Para Martius, Martius generali-
zou levando em consideração as hipóteses, apesar da
realidade dos fatos e da importância da classifi-
cação dos povos (Balducci, 1954, p. 12-3). As hipóteses eram de natureza mais
política que científica.



... sido levado, e...
irmão Luís, por seu...
giu, mas parece que ac...
não estava mais no prédio. I...
obstante, não há a menor dúvida...
vido do local.¹⁶
... testemunha...
... rês fill...
... Na...
... Ela...
... notíci...
... rielina em...
... tarde o poeta...
... Angelina contou que em três manha...
ao prédio do Governo Civil levando com...
pessoa... Lorea. Das três vezes, depo...
guarda... janela à entrada permitira...
onde o... estava preso. Na peça nua...
meia, com... uma janela e algum...
meia vez -... em 17 de agosto...
— havia ho... celi. Tinham as...
taram a cest... Angelina...
nada. No ter... do apa...
um descon... disse: "A...
está mais... Angelina foi at...
entra... um que, de...
e... sala recolher

A.M

Da série: Encontro de fim de tarde
Técnica: caneta permanente sobre pagina de livro
Ano: 2021



Da série: Encontro de fim de tarde
Técnica: caneta permanente sobre pagina de livro
Ano: 2021

II. GRANADA

No verão de 1900, quando os Garcia Torca se foram para Granada, a famosa cidade da Alhambra — última Espanha antes de entrar na África —, Granada era uma pequena capital provincial com cerca de 75 mil habitantes. Antes, Karl Baedeker havia chamado a cidade de "terra viva" não sem sarcasmo, que, embora pouco antes algumas de suas artérias tivessem sido "em certa medida retocadas para os olhos antes de fora", as ruas secundárias eram sórdidas. "A aristocracia prefere gastar suas rendas em Madri", continuava Baedeker, acrescentando que "grande parte da população" subsistia pela mendicância. Quando recém-inauguradas as usinas de açúcar da Vega, achava ainda duvidoso o resultado das vies em justiça das esperanças nelas depositadas. As esperanças mostraram-se fundadas: pouco depois dessas palavras, Granada deu a impressão de voltar de séculos de inércia. Os lucros do boom do açúcar e os negócios de especuladores mal podiam ser vistos no senso geral de que se deveria "trabalhar mais". Um produto marcado com a marca da Vega, a vida larga e perfeitamente conhecida sob o nome de Gran Vega, tornou-se a mais conhecida de Granada.



... amigos haviam
... Buñuel, Rafael
... haviam se fixado em
... Sevilha; e Emilio
... "os" do grupo na
... antes, fato que
... pediu-lhe que
... sado na "Resi",
... a "Cabana no

Como tantas
... deserto, com
... ca, cabeça
... ela e pedi-
... amos dois
... sfilou pela

Residen-
... os regis-
... omo essa,
... ojo perma-

conteria o
Granada e
... co
chegada à i
membros
primeira sa
... Garcia l
... andade
... era l
... de um

... ha ocu
... e prece. Segm
... escalço, carrega
... escansou no chã
... vavelmente um e

O espetácu
nado por cente
resta sagrada, e
a cidade. No d
pelo bosque f
cerimônia. A
Alisa e a c
Cumprida s
de transpor
visita, e qu
ção com a

Há um
da procissa
dade. Houv
a intenção e

Se eu gritasse

desencadearia

a existência

POR CAROLINA SOARES

Na página 62, é uma barata esmagada que leva G. H. a seu desabafo: “[...] se eu gritasse uma só vez que fosse, talvez nunca mais pudesse parar. Se eu gritasse ninguém poderia fazer mais nada por mim; enquanto, se eu nunca revelar a minha carência, ninguém se assustará comigo e me ajudarão sem saber; mas só enquanto eu não assustar ninguém por ter saído dos regulamentos. Mas se souberem, assustam-se, nós que guardamos o grito em segredo inviolável. Se eu der o grito de alarme de estar viva, em mudez e dureza me arrastarão, pois, arrastam os que saem para fora do mundo possível, o ser excepcional é arrastado, o ser gritante.”

São as palavras da personagem de Clarice Lispector que aqui desencadeiam uma série de questionamentos. Quantos gritos mudos são necessários para a manutenção de uma existência dentro dos regulamentos? Aliás, o que vale uma existência em que o grito precisa ser silenciado como um segredo inviolável? As respostas a essas questões aparecem como no desenrolar de um novelo que, quando desfeito, vira apenas uma longa e única linha. Embora sejam muitos fios a compor essa linha existencial, destacaria um elemento que me parece se sobrepor. Trata-se de uma ideia de sociedade para a qual o próprio existir requer normas. Nossos corpos parecem não serem nossos. Nossa forma de agir no mundo é então reduzida ao tabuleiro de um jogo com todos os movimentos previamente definidos, fugir ao regulamento é colocar-se fora do jogo. E como seria existir fora do tabu-

leiro? Ou, como existir para além das jogadas já mapeadas?

Imersas nessas reflexões, os trabalhos de Anderson Morais, Henrique Viudez, Ingra Rabelo e Thomas Saunders propõem diálogos em que os padrões de conduta emergem como mola propulsora de um estado de repressão dos corpos. Corpos estes compreendidos socialmente como recipientes passivos de uma lei cultural inflexível. Cada artista, a seu modo, traz para o debate a possibilidade de pensar a representação do corpo não como um mero instrumento com o qual uma série de significados culturais é apenas externamente relacionado. Eles vão além. Buscam compreender principalmente as questões de gênero e sexualidade como base para uma identidade agora descolada de um ideal normativo e potencializada como característica descritiva de uma determinada experiência.

Vale ressaltar que, embora contrários a um sistema de gênero estável, binário e oposicional, os trabalhos não investem esforços na ruptura utópica de um estado do corpo livre dos construtos heteronormativos. Eles reconhecem, porém, as noções de gênero e de sexualidade como mecanismos construídos culturalmente e, portanto, passíveis de reinvenções que permitam o reconhecimento do desejo como elemento fundamental no agir no mundo.

Anderson Morais apropria-se das folhas de um





Da série: Desenhos de fim de tarde
Técnica: posca sobre página de livro
Ano: 2022

livro para elaborar desenhos e tecer uma narrativa cujo argumento central é o próprio desejo. Entre os elementos desse enredo, estão dois homens, um encontro, seus corpos. A partir deles qualquer ficção é possível. Porém, para além das construções literárias em torno de um encontro amoroso, o artista investe em um traçado monocromático preenchido pela cor azul. Emaranhada às palavras do livro apropriado, essa representação parece ganhar força pela maneira simples com que lida com o desejo e a sexualidade entre homens. Sem subterfúgios e sem se munir de uma gama de argumentos em defesa da homossexualidade como experiência fora da norma, o trabalho de Anderson Morais explicita a naturalidade do ato sexual como consequência possível de um encontro amoroso.

Já as pinturas de Henrique Viudez trazem corpos femininos vestidos por uma trama complexa alinhavada pelo encontro do místico com o religioso e o político. Confundem-se com representações oníricas que parecem pairar no ar sem gravidade. Não há peso ou solidez. Pedras flutuam como balões, sustentando corpos potencializados pela urgência de existirem como tais. Corpos marcados pelo brutal aprisionamento a normas alheias a suas vontades. O artista encontra no alegórico a possibilidade de um dismantelamento de uma determinada ordem. O caráter fantasioso das representações parece evocar imagens de guerreiras, deusas, santas, uma profusão de referências que funcionam como metáforas da força do feminino.

Nesse universo, as ambiguidades surgem como parte de uma estratégia necessária para o enfrentamento do cansaço de não poder existir para além dos limites do mundo possível.

E é exatamente na reinvenção de mundos que também opera o trabalho de Ingra Rabelo. Seus desenhos apresentam corpos transmutados, metamorfoseados, híbridos. Neles, o que está em jogo é a dissolução das formas constituídas, desordenando um estado de conformidade. Aliás, o trabalho parece desautorizar falar até mesmo de gênero e de sexualidade de maneira afirmativa uma vez que se opõe à postulação da identidade como uma ficção reguladora. Corpos se fundem, se emaranham. Eles surgem sem impedimentos, dissipando a clareza na imposição dos limites necessários para as conformações identitárias. Diante do conjunto de relações sociais compulsórias tão bem demarcadas, os desenhos propõem uma reorganização radical das descrições dos corpos e das sexualidades, ressignificando a própria ideia de desejo pela dissolução de fronteiras estáveis.

Ultrapassar as fronteiras estáveis significa aqui por à prova os alicerces de sustentação dos manuais de conduta social sobretudo em relação às demarcações de gênero e sexualidade. Na performance *Interiores*, Ginger Grace, o corpo drag do artista Thomas Saunders, traz dados autobiográficos para remontar uma experiência de um teatro pós-dramático em que encena a si mesma.

Num ambiente com pouca luz, Ginger, com o corpo seminu, posiciona-se num espaço delimitado onde se encontra uma série de objetos pessoais como maquiagens, roupas, tecidos e mais um espelho e duas fotografias: uma de seu pai e outra de sua mãe. Ao fundo, há a projeção de imagens rememorando sua infância. Iniciando a performance, ela solicita a alguém que amarre seus braços e é nessa condição que inicia a árdua tarefa de se arrumar (ou se montar). Diante das dificuldades, pode vir a pedir ajuda. Ao final, quando seu corpo já não suporta a dor das amarras e encontra-se desafiado pelo cansaço, ela para e solicita que alguém livre seus braços das correntes.

A performance pode então ser lida a partir de uma série de camadas implicadas na conformação de nossos corpos. A presença marcante da família e o resgate das lembranças de infância, por exemplo, operam como ditames de nossas ações no mundo. E é diante das escolhas de Ginger que surge a força simbólica das amarras que tanto insistem em subjugar os corpos gritantes que, sob a ameaça de serem arrastados, resistem.

Carolina Soares é graduada em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará, tem Especialização pela Falmouth College of Arts, Inglaterra, na linha de pesquisa *Photography: Critical Practice*. Mestre pelo programa História, Teoria e Crítica da Arte da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Doutora pela mesma instituição. Pesquisa pós-doutoral na Universidade de Toronto, Canadá. Atua nas áreas de história da arte, crítica e curadoria, tendo como principal objeto de estudo a fotografia com ênfase na estreita relação que estabelece com a cultura, as artes plásticas, o cinema e a performance.



CENTRO DE TERESINA

Eu não sou o café da
manhã de ninguém
nem de ninguém
nem de ninguém

RUA AROLINO DE ABREU N 1841

SENTIR UM TISSÃO
QUE NENQUA TINHA
SENTIDO ANTES

DEITO NA MADRUGADA
E LADROES NOS ARMOS EM
SI

RESOLVIR SAIR CAMINHADO
PELO CENTRO DA CIDADE

Cine aventura
Instalação
Técnica: cabine de madeira, bordados pintura sobre tecidos, strobo
Ano: 2019



Cine Aventura
Técnica: bordado ,pintura sobre tecido
Ano: 2019

SE OLHAR

PODE OLHAR

a cabine do

voyeur

POR GUGA CARVALHO

CINE AVENTURA foi a proposta de Anderson Moraes para a 4ª edição da Residência de Criação em Artes Visuais, no Mercado Velho de Teresina, em 2019*. Cumprindo o requisito do edital, onde todas as propostas de criação deveriam ter como ponto de partida ou referência algum aspecto do Mercado Velho ou do seu entorno, o artista escolheu um cinema para encontro adulto masculino, localizado a poucos quarteirões dali, e o frequentou, em alguns momentos alternados, no período de seis semanas.

Ao final do tempo da residência, sempre ocorre a exposição das obras produzidas. O trabalho consistia numa cabine de madeirite, pintada de preto, de mais ou menos 1m x 1m com uma altura de uns 2,50m. Uma caixa preta, enigmática, no meio das outras obras no espaço expositivo. A caixa tinha uma única entrada, isolada por uma cortina branca, onde o título era dado em bordado CINE AVENTURA.

Acima desde portal “misterioso” ficava a mensagem maliciosa ONDE TUDO ACONTECE deixando no ar aos que podiam atravessar a zona, proibida para menores de 18 anos, o que lhes aguardava.

Mas ao entrar, nada era, nem de longe, explícito, pornográfico, nem mesmo realmente picante. A caixa preta por dentro era revestida com te-

cidos, bordados e pinturas, que cobriam grande parte de suas quatro paredes internas, com imagens de corpos masculinos + frases como, “sentamos lado a lado”; “nunca havia sentido um tesão assim”; “se quiser, pode olhar”, entre outros ditos nascidos das tardes de experiência do criador com a matéria humana investigada.

A escolha da técnica do bordado-e-pintura sobre tecido termina por impor ao tema uma conotação quase romântica. Dá-lhe um efeito pueril às cenas, que na fonte de coleta eram viscerais e que no espaço expositivo só podem ser imaginadas em sua carnalidade, seguindo a sugestão das legendas; ou dito de outro modo, só podem ser vistas com a imaginação erótica, num pacto com a vontade voyeur do artista.

* O Prêmio Residência de Criação em Artes Visuais é mantido pela Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, Prefeitura de Teresina - PI, e ocorre no Mercado Público Municipal de São José, no centro da cidade, popularmente conhecido como Mercado Velho.

Guga Carvalho é Mestre em Artes Visuais pela USP e em Filosofia pela UFPI. É curador do Prêmio Residência de Criação em Artes Visuais de Teresina. Desenvolve pesquisa e exposições no Mercado Popular São José (Mercado Velho) de Teresina.

ATENÇÃO
Obra não indicada para
menores
de 16 anos

Onde Tudo Acontece



Cine Aventura
cabine de madeira, bordados pintura
sobre tecidos, strobo
Ano: 2019



CINE AVENTURA

Cine Aventura
Técnica: Bordado sobre tecido
Ano: 2019



PESSOA

ARTISTA

POR ED FERRERA

ANDERSON MORAIS é um artista do mundo vivendo em Sobral, no interior do Ceará. Sua poética atual é resultado de longo período de buscas, cujos percursos, realizados na companhia de amigos, incentivadores e mestres, ao mesmo tempo em que foram marcados por sua passagem, também lhe imprimiram marcas que hoje aparecem como um estilo próprio.

Sua larga trajetória tem raízes fincadas na primeira década dos anos 2000, em Sobral, período em que o cenário artístico da cidade passava por transformações ativadas pelo Salão Sobral de Arte Contemporânea, que afetava, definitivamente, a vida e a obra de muitos artistas, inclusive as dele. As técnicas que ele usa e os temas que aborda atualmente em sua pesquisa são in-

dicativos da influência daquele momento que, entre outras coisas, o ajudou a se tornar a pessoa e o artista que ele é hoje.

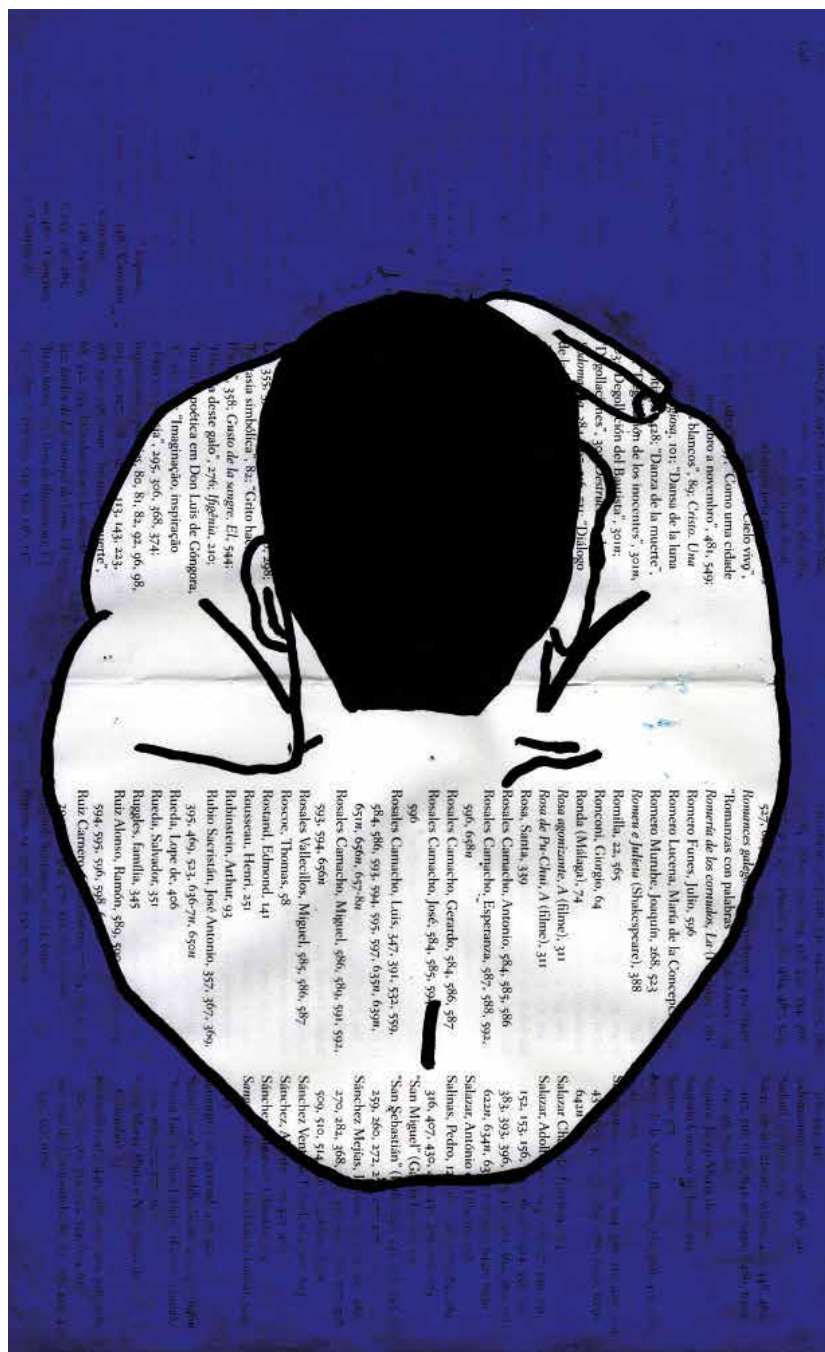
Difícil separar a pessoa do artista, no seu caso. Defini-lo separadamente não é tarefa fácil, porque, sendo ele um esteta de cenas privadas, sua vida e sua persona naturalmente se confundem. Sendo assim, fico com a cômoda, porém, acertada definição de que ele tem raro talento para fazer amigos e para fazer arte. Separar, pois, a pessoa do artista é correr o risco de apresentá-lo pela metade.

No entanto, se, em Moraes, há prejuízo em apresentar separadamente a pessoa do artista, o mesmo não se pode dizer de sua obra. Seus

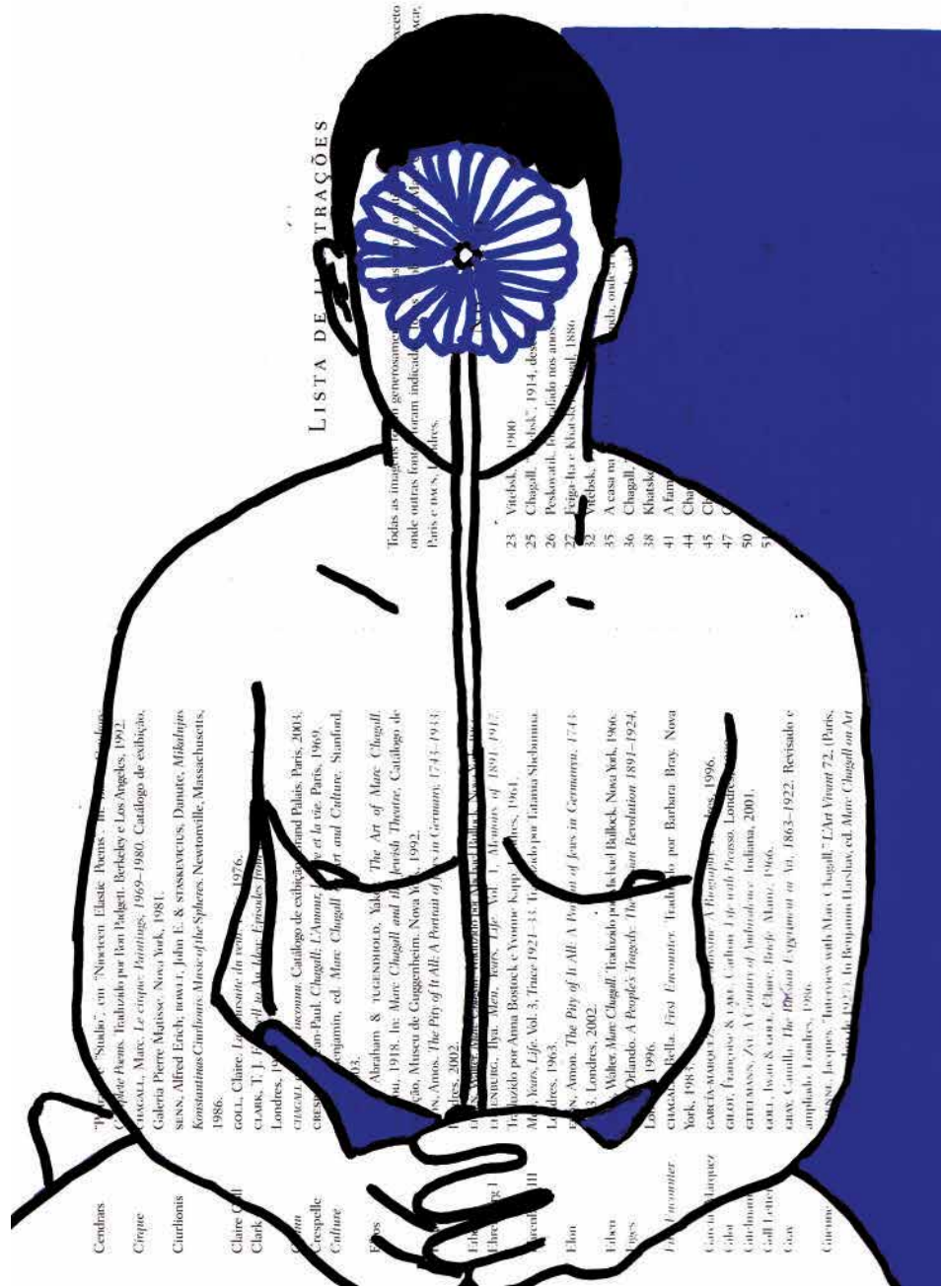
desenhos, suas pinturas e bordados têm em comum a linha como fio condutor de temas e proposições sobre os quais o artista pensa - e faz pensar - que interessam a todos nós. Basta dizer que as tessituras e margens que compõem e envolvem suas obras são vertiginosamente convidativas a experimentar outras formas de versar sobre o amor; condição indiscutível da personalidade do artista cujas obras, independentemente da presença do amor-Eros, também propõem falar sobre as poéticas afetivas que habitam o lugar de morada dos casais, sejam eles heteronormativos ou não, o que está posto em suas obras é a essencialidade da vida humana para além dos discursos panfletários, que é amar sem medida.

Ademais, o que posso dizer diante de sua trajetória é que vejo pulsação de vida. Da sua própria, da minha e de muitas outras que foram tocadas de passagem pela pessoa e pelo artista que ele é; compostas de afeto, amizade, parceria, paixão... Comprometido com as questões e desafios do seu próprio tempo.

Ed Ferrera é artista, educador cultural e curador independente. Sua trajetória abarca experiências de artista, educação e curadoria de exposições individuais e coletivas. Seu campo de pesquisa e interesse são os artistas e a produção de artes visuais existentes no interior do Ceará, onde vive e trabalha.



Da série: Desenhos de fim de tarde
Técnica: caneta posca sobre página de livro
Ano: 2022



Da série: Desenhos de fim de tarde
Técnica: caneta posca sobre pagina de livro
Ano: 2022



Virilidades
Técnica: Caneta permanente sobre página de Livros
Ano: 2019
Acervo pinacoteca do estado do Ceará
Foto: Bruno Magalhães



Virilidades
Técnica: Caneta permanente sobre página de Livros
Ano: 2019
Acervo pinacoteca do estado do Ceará
Foto: Bruno Magalhães



ANDERSON

MORAIS

SOBRAL, 1984

Artista visual, vive e trabalha em Sobral (CE), é graduado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e especialista em Arte - ênfase em música - pela Universidade Estadual do Ceará, de qual é, atualmente, estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Sua pesquisa e processo artístico giram em torno das questões de gênero, corpo, desejo e homoerotismo, desenvolvendo obras que perpassam o desenho, a pintura e o bordado. É residente do Laboratório de Artes Visuais da Escola Porto Iracema das Artes. Participa da Mostra Cearense de Artes Visuais -TAC, com a exposição “Com

Quantas Palavras se faz um corpo?”, no Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC -CE) 2023, do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Foi contemplado no Prêmio Funarte Olimpíada das Artes -FUNARTE, 2022. Está participando da coletiva de artistas cearenses “Se Arar”, na Pinacoteca do Estado do Ceará. Foi residente do Programa de Residência e Intercâmbios do Porto Dragão (Fortaleza - CE). Em 2023, participou da exposição coletiva “Além da parada Galeria Objetos do olhar” (São Paulo - SP), e da coletiva “EROTIC” no OLUGAR Arte contemporânea, (Rio de Janeiro - RJ), 2023.

Currículo completo

Anderson Morais

Sobral / Ceará

(88) 999413027

Site: <https://www.andersonmorais.org/>

E-mail: arteavista@gmail.com

Anderson Morais é artista visual, estudante de Artes visuais UECE, vive e trabalha Sobral, e Graduado em História – UVA (Universidade Estadual Vale do Acaraú) Especialista em arte Ênfase em música - UECE. Especialista Gestão Cultural – UVA. E residente do Laboratório da Escola Porto Iracema da Artes 2023. Está participando da coletiva de artistas cearense Se Arar, Pinacoteca do Estado do Ceará. Participou do Salão Sobral de Artes Visuais na Casa da Cultura de Sobral, 2023. Participando da Mostra Cearense de Artes visuais –TAC , com a exposição “ Com Quantas Palavras se faz um corpo?” No museu de Arte Contemporânea do Ceara – (MAC –CE) 2023 . Foi contemplado no edital incentivo as artes SECULT – CE 2022, Circula Ceará, - FUNARTE, Prêmio olimpíadas das artes visuais –Funarte 2022. O Artista foi residente da segunda turma do Programa de residência e intercâmbios do Porto Dragão. Fortaleza /CE, 2022. Participou da exposição coletiva “Além da parada galeria Objectos do olhar / São Paulo /SP. Participou do projeto Zines de um ano que não existiu, projeto

Monstra. Arte, contemplado no edital das artes Seculte /CE – 2021, foi contemplado no edital de aquisição de obras de arte lei Aldir Blanc Seculte /CE, 2021, participou do 70º Salão de Abril, Espaço Centro Cultural Belchior, Fortaleza -CE,2019. Prêmio Criação em Artes Visuais, Espaço Galeria Mercado Velho de Teresina- PI,2019. Exposição Os Pensamentos do Coração, Casa Absurda, Fortaleza – CE,2019. Participou da coletiva “Se eu gritasse desencadearia a existência” com Curadoria Carolina Soares na galeria Sem Título, Fortaleza/CE, 2018, participou da III Bienal Norte, Casa da Cultura de Sobral,2018. Foi contemplado no Edital Temporada das artes 2017/2018 Instituto ECOA. Participou da Exposição “Artistas Sobralenses” Pinacoteca de Sobral 2017, 68º Salão de Abril Sequestrado, Fortaleza 2017. Foi contemplado no Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais 11ª Edição 2014, participou em 2014 da exposição No lugar em que estarmos, Casa da Cultura de Sobral, Participou da Bienal Norte em 2013, da Mostra Internacional Imprima 2012, participou do Agosto das Artes, Centro Cultural Banco do Nordeste Cariri 2011, Foi contemplado no Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais 7ª Edição 2010; Coletivo Circuito Compartilhado Casa da Cultura de Sobral; 2010 Mostra de Artes Visuais Teia 2010 SESC Iracema Fortaleza – CE; 2009 exposição Estrela do Norte Sobrado Dr. José Lourenço Fortaleza - CE; Salão Carriré de artes visuais Carriré – CE, 2008 Prêmio Interações Estética: Residências Artística em Ponto de Cultura Funarte;

Exposição lugar Nenhum casa de cultura de Sobral: Safra Sobral de Artes visuais 2005 onde foi Premiada no 3 lugar ;Safra Sobral 2006 onde obteve menção honrosa; Coletiva de Sobral; Casa da Cultura de Sobral 2007; entre outros.

Grau de instrução:

Especialista em Arte Ênfase em música – UECE

Especialista Gestão Cultural - UVA

História – UVA (Universidade Estadual Vale do Acaraú) (graduado)

Artes Visuais –UECE (graduando)

Ocupação:

Artista visual / Produtor Cultural / Educador

Cursos:

Linguagens: Desenhos e outras situações de risco.

Oficina Básica de Fotografia Digital.

Curadoria e Crítica: “Inventariando o Nordeste: reflexões sobre os percursos

curatoriais” - Final do século 19 e primeira metade do século 20.

Introdução ao desenho de situações sociais.

Performance nas Artes Visuais: Corpo, Ações e Imagens.

Materialidade Espaciais / Inflexões no Tempo Presente.

“Inventariando o Nordeste: reflexões sobre os percursos curatoriais”

Passagem do moderno ao contemporâneo.

Arte-Educação

Exposições individuais:

2023 // “ Com Quantas Palavras se faz um corpo? ”, museu de Arte Contemporânea do Ceara – (MAC –CE)

2023// “ Aveso “, Pano de Roda – Fortaleza - CE

2018 // Tudo que “Há Dentro de Mim”.

Casa da Cultura de Sobral

Curadoria: Regina Rack.

Exposições coletivas:

2023 // Salão Sobral de artes visuais, Casa da cultura de Sobral – CE

2023// Coletiva Muito Além da Parada, Galeria Objetos do Olhar, São Paulo –SP.

2023 // Coletiva” EROTIC” OLUGAR Arte contem-

porânea, Rio de Janeiro – RJ.

2023 // Mostra SESC DE Artes Visuais, casa da cultura de Sobral – CE.

2022 // Coletiva Além da Parada, Galeria Objetos do Olhar, São Paulo –SP.

2022 // Bienal Norte, , Espaço Memorial da Educação Superior de – MESS.

2022 // Exposição “ Com Quantas Palavras se faz um corpo? ”, SESC Sobral – CE .

2019 // 70º Salão de Abril, Espaço Centro Cultural Belchior, Fortaleza -CE.

2019 // Prêmio Criação em Artes Visuais, Espaço Galeria Mercado Velho de

Teresina- PI.

2019 // Mostra de Arte Muvuca, Espaço Memorial da Educação Superior de

Sobral – MESS.

2019 // II Coletiva Pluralidades, Espaço Casa da Cultura de Sobral - CE.

2019 // Exposição Os Pensamentos do Coração, Casa Absurda , Fortaleza –

CE.

2018 // III Bienal Norte, Espaço Casa da Cultura

Sobral – CE.

2018 // Se eu gritasse desencadearia a existência”, Espaço Sem Título Galeria,

Fortaleza – CE.

2017 // Artistas Sobralenses, Espaço Pinacoteca de Sobral, Sobral - CE.

2017 // 68º Salão de Abril Sequestrado, Espaço Salão das Ilusões, Fortaleza –

CE.

2016 // II Bienal Norte, Local CED, Sobral - CE.

2014 // Mostra Outros Antônio, Espaço Sala Vieira da Silva, Pinhel , Portugal.

2013//V Visualidades, Espaço UVA – Sobral – CE.

2013 // Bienal Norte, Espaço Casa da Cultura Sobral – CE.

2012 // Mostra Internacional de Gravura Imprima - INSTITUTO ECOA, Sobral –

CE.

2012 // VI Visualidades, Espaço UVA – Sobral – CE.

2012 // NÓS 5; CINCO ARTISTAS SOBRALENSE- INSTITUTO ECOA, Sobral

– CE

2011 // III Visualidades, Espaço UVA – Sobral – CE.

2010 // Mostra de Artes visuais Teia - SESC IRA-CEMA – Fortaleza – CE.

2009 // Estrelas do Nortes, Espaço Sobrado Dr José Loureço – Fortaleza – CE.

2008 // Safra Sobral de Artes Visuais, Espaço Casa da Cultura Sobral – CE.

2005 // Safra Sobral de Artes Visuais, Espaço Casa da Cultura Sobral – CE.

Residências artísticas:

2019 // Prêmio Criação em Artes Visuais Fundação de Cultura Monsenhor

Chaves, Teresina /PI.

2008// Residência Prêmio Interações Estética, residência artística em ponto de

cultura, Funarte, INSTITUTO ECOA, Sobral – CE.

2021 // Laboratório reticencias de criação.

Prêmios e Residências artísticas:

2023 // Laboratório de Artes visuais Escola Por-

to Iracema das artes;

2022 // Edital incentivo as Artes secult –CE;

2022 // Prêmio Olimpíadas das Artes Visuais – Funarte;

2022 // Temporada da Arte Cearense – TAC;

2020 // Circula Ceará- Funarte – SECULT-CE, Edital

2022 // Programa de residências intercambio – PRIS, Porto dragão;

2020 // Edital aquisição de obras de arte Lei Aldir Blanc – SECULT – CE.

2019 // Prêmio Criação em Artes Visuais Fundação de Cultura Monsenhor

Chaves, Teresina /PI.

2014 // Foi contemplado no Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais 11^a

Edição.

2010 // Foi contemplado no Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais 7^a

Edição.

2008 // Prêmio Interações Estética, residência artística em ponto de cultura,

Funarte.

Publicação / textos:

Gestão de projetos culturais: Um Estudo de caso do salão Sobral de Artes Visuais, 2019.

O ensino Arte 4º ano da escola de ensino fundamental Raimundo Pimentel Gomes em Sobral / CE, desafios e perspectivas, 2018.

As Artes Plásticas em Sobral; Luta Desejo e Resistência (1980 - 2004), 2015

Obras em acervos:

Pinacoteca de Sobral, Sobral - CE.

Pinacoteca do estado do Ceará.



AVESSO

ARTISTA

Anderson Morais

ORGANIZADORES

Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta

TEXTOS CRÍTICOS

Ana Cecília Soares, Anderson Morais, Carolina Soares, Cecília Bedê, Ed Ferreira, Eduardo Bruno, Jacqueline Medeiros, Guga Carvalho, Júnior Pimenta, Filipe Chagas e Waldírio Castro.

PRODUÇÃO

Bruno Magalhaes

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Assistente de produção: Francisco Lucas

PROJETO GRÁFICO

Júnior Pimenta

FOTOGRAFIA DE OBRAS:

Nayra Maria

REVISÃO

Ana Cecília Soares

AGRADECIMENTOS:

Bruno Magalhaes e minha família.
Ana Cecília Soares, Jacqueline Medeiros, Cecília Bedê, Ed Ferrera, Eduardo Bruno, Junior Pimenta, Filipe Chagas, Waldirio Castro, Guga Carvalho, Carolina Soares, Nayra Maria, Diego Zick, Kelviane Lima, Pano de Roda.

REALIZAÇÃO:

reticências



APOIO CULTURAL:

Este projeto é apoiado pela
Secretaria da Cultura do
Estado do Ceará
Lei nº 18.012 de 1º de abril de 2022



Livro composto com tipografia Source Sans Variable e Stitch Regular; Formato 21x21cm;
Miolo Offset 180 g/m²; Capa Duodesing 240 g/m²; Tiragem 500;
Impresso em Outubro de 2023 na Expressão Gráfica.

